

## Resumo:

Este trabalho tem como objetivo apresentar a narrativa utilizada pelas juventudes negras nas mídias digitais, redes de relacionamento e redes sociais a partir da leitura de organizações juvenis que projetam lutas por direitos humanos para a favela e seus respectivos jovens favelados.

## Palavras-Chave:

Juventudes, tecnologias, racismo, movimentos sociais

## Introdução

De que maneira as novas tecnologias impactam a juventude pobre e preta? Como o fenômeno da globalização cibernética pode gerar participação social e criação de vínculos? Como está estruturada a identidade social no 'fazer-se jovem' da contemporaneidade virtualizada? Para dar conta dessas e outras perguntas, queremos trazer a realidade do sujeito juvenil, contextualizado nas periferias brasileiras, e suas potencialidades criativas no consumo cultural e nos movimentos sociais balizados na internet e nas práxis fora dela.

Compreender a condição juvenil é imprescindível para projetar qualquer apontamento sobre esse sujeito, por isso, também compreender como esse mesmo sujeito jovem se transforma ao longo do tempo, nos revela como a perspectiva interpretativa tem que se transformar, se ressignificar, para assim propor um processo interpretativo sobre sua identidade, sobre seu consumo e sobre sua participação social.

## Compreendendo as Juventudes

Nas palavras de Luis Antônio Groppo "*podemos considerar a juventude como uma fase da vida social que é caracterizada por um status social com independência relativa em relação ao núcleo familiar original e por menor autonomia diante das instituições para além das famílias*" (GROPPO, 2017:13). Para o autor, ser jovem traz consigo um prestígio social que a fase infantil não proporciona, mas, ao mesmo tempo, é distinguida da maturidade adulta. Fato é que tais atribuições, ora positivas, ora negativas, são categorizadas por determinadas instituições com uma delimitação etária jurídica e legal.

Apesar de termos a noção de que juventude é uma categoria simbólica por sua mutiplicidade/transformações/metamorfose, são também algumas categoria no imaginário social como, por exemplo, a vitalidade, o impulso, a criatividade, a virilidade. Porém, no Brasil, no

<sup>1</sup> Walmyr Gonçalves da Silva Junior é cria da Kelson's (Maré), Historiador e especialista em Juventude, mestrando em Ciências da Sustentabilidade (PUC-Rio). Analista de Projetos da Pastoral Universitária Anchieta da PUC-Rio, coordenador da Horta Comunitária Maria Angu e autor do Livro *Porta Vozes da Resistência. Narrativas de três favelados*. Rio de Janeiro: Inatas, 2019, juntamente com Monica Francisco e Davison Coutinho

reconhecimento da legislação acerca de Políticas Públicas, segundo o Estatuto da Juventude<sup>2</sup>, a juventude é entendida dos 15 aos 29 anos.

Para esse sujeito, existem direitos que comprometem os órgãos públicos e privados a uma série de obrigações que visam garantir a integridade plena da pessoa do jovem.

Pode-se dizer então que juventude é uma categoria etária, mas é também um momento da vida do sujeito jovem, e que práticas e experiências firmam comportamentos para a vida adulta que se mistura com sua juventude (Instituto TIM, 2013: 10). Esses padrões comportamentais expõem as juventudes a um processo de formação cognitiva que gera o olhar do jovem sobre o mundo, sobre a sociedade e sobre si mesmos em seus mais variados espaços de sociabilidade.

## Aspectos

É importante trazer dois aspectos para falar do ‘ser jovem’. Primeiro, que existe uma ideia de essência da juventude, algo presente em todo ser humano, que remete à vitalidade, à vestimenta, ao gosto pela musicalidade, dentre outras especificidades naquilo que faz qualquer indivíduo, em qualquer faixa etária, estar compreendido como sujeito jovem. Porém, essa noção de essência, cria muitos preconceitos e estereótipos e consolida um entendimento único do que é ser jovem. Em contraposição, existe a noção de condição, de contexto. Dentro desta perspectiva, compreendemos juventudes a partir dos limites de um contexto social e histórico.

A categoria etária não é limitadora para a autoafirmação do sujeito jovem, embora seja significativo termos um parâmetro para falar dessas especificidades<sup>3</sup>. Digo isso para que não compreendamos a juventude como algo eterno - como ocorre no imaginário infanto-juvenil, que se remete ao Peter Pan -, ao pensarmos em uma eterna juventude que só existe em personagens fictícios.

A juventude não vem com uma receita própria de aplicação do ‘fazer laços’, ou da construção cultural, principalmente no que se refere a uma noção de juventudes globalizadas e conectadas a uma realidade virtual. Sua alteridade demanda da compreensão das suas realidades, de um acompanhamento, do cuidado, de ser visto como ele/ela é, “com seus corpos, experiências, modos de ser e agir” (DAYRELL, 2016: 9).

Assim, precisamos encarar essa metamorfose da condição juvenil, a partir dos seus respectivos elementos de diferenciação. No caso específico aqui trazido, que nos remete ao acesso às tecnologias digitais. A discussão sobre políticas públicas para esse segmento, nos leva a problematizar o papel das instituições na construção do imaginário social, e ousar afirmar sobre a necessidade de formatar uma prática inclusiva que permita com que esse sujeito jovem

<sup>2</sup> BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013

<sup>3</sup> Idem

se encaixe em uma dinâmica de fé, de religião com sua humanidade, ou ainda, na defesa de valores sem perder a sua identidade.

### Breve histórico de lutas

Dentre uma perspectiva histórica não podemos omitir os efeitos da Primavera Árabe no imaginário organizativo das juventudes no mundo, em consonância com as suas respectivas práticas na contemporaneidade. A saber, a juventude dos países Árabes do Oriente Médio e do Norte da África, organizou um conjunto de manifestações cívicas pela insatisfação dos governos autocráticos em 2010. As pautas dessas juventudes eram as altas taxas de desemprego, a corrupção, a falta de qualidade de vida. Servindo de inspiração para o movimento dos “indignados” na Espanha, a “Geração rasca” em Portugal, o “Occupy Wall Street nos Estados Unidos e nas manifestações do “Movimento Pelo Passe Livre” no Brasil em junho de 2013. As juventudes conectadas às redes sociais, foram capazes de aglutinar interesses em comum no mundo inteiro!

Analisar a participação dessa camada jovem na vida sociopolítica no Brasil é o caminho que pretendo traçar referenciado nos efeitos positivos da subversão do sistema governamental. A internet se tornou o principal meio de promoção dos anseios juvenis em torno da busca por direitos e desenvolvimento de valores.

Quero partir do pressuposto que as tecnologias digitais podem ser instrumentos de humanização e cuidado com a Casa Comum<sup>4</sup> abrindo uma discussão opositora de que ela possa levar as juventudes ao isolamento, à criação de 'bolhas' de ideias e de atitudes, à disseminação de fake news e inverdades.

É emergente enxergar este sujeito como parte importante e ativa na sociedade hoje. Pensar em juventudes é ver o jovem como protagonista da sociedade contemporânea.

Sob esse propósito, ficou evidente que o que acontecer em qualquer parte do planeta terra, imediatamente produz efeito nas outras partes, sejam efeitos em pequena ou grande escala. Fato este que, em relação a participação política, acontece algo semelhante, já que os efeitos negativos ou positivos da política refletem sobre a sociedade que ela pertence. Não obstante, a participação de todos nos assuntos do país, inclusive a camada jovem, que existe um engajamento mais firme e célere (Quadé;Santos. 2017:116)

Pensar na perspectiva do espaço social próprio das juventudes, é projetar o engajamento coletivo de participação na rede de comunicação que o jovem utiliza no seu dia a dia. Os dispositivos tecnológicos, como computadores e celulares, expressam a práxis comportamental da realidade de uma massa expressiva da parcela das juventudes na contemporaneidade. Os modos de ser e estar são reinventados em cada “@” ou cada “#”, ou seja, uso dessas tecnologias são indispensáveis no atual contexto sócio-histórico.

<sup>4</sup> Em 2015, o Papa Francisco publicou a carta encíclica Laudato Si pontuando a necessidade de um olhar mais coletivo e cuidadoso para o planeta, admitindo-o como nosso lugar comum, ou casa comum. Cf. PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

Desse modo, as formas de utilização desses dispositivos tecnológicos influenciam diretamente no comportamento social das juventudes, assim como estabelece o método de ação e relação desses sujeitos com a luta pela garantia de direitos.

Na obra “*Epistemologia do Sul*” de Boaventura de Sousa Santos, encontramos o desenvolvimento do conceito de epistemicídio, ou seja, a produção do conhecimento científico tendo sua construção em um único modelo epistemológico desconsiderando outras formas de pensar e construir narrativas. Dessa forma, um pensamento hegemônico e monocultural obstruiu a produção de outras formas de conhecimento.

(...) à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas (Sousa Santos. 2009: 183).

Uma das consequências do epistemicídio é o fato de que as disciplinas da ciências sociais e humanidades tenham como base autores que são provenientes de apenas cinco nações: Itália, França, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos. Explicando de forma matemática, pode-se afirmar que 100% da base de conhecimento do planeta foi gerado, mais ou menos, em 2,5% do seu território, permeando assim uma visão de mundo muito restrita e desqualificada.

Esse discurso de apagamento epistêmico cria conflitos, causa danos e encoraja um contexto de desigualdades a um grupo em particular: os jovens negros e periféricos.

## Resistências

A resistência da juventude afrodescendente no Brasil existe desde sempre<sup>5</sup> e foi intensificada na era digital, porque as redes sociais são um reflexo do mundo off-line. O discurso de ódio e as violações de direitos humanos acontecem nas redes digitais, mas têm sua origem na sociedade e na legitimação da desigualdade, que é algo naturalizado. Ao usar a Internet para cometer um ato de racismo a pessoa sente-se mais confortável pois fica escondida por trás do anonimato e, com isso, tem o sentimento de impunidade, pois existem vários casos que não são resolvidos. Então, não tem como separar o racismo cometido nas redes sociais do sistema opressor racial existente no Brasil fora da internet. No ambiente virtual, as consequências do racismo são de caráter psicológico. Já fora deste ambiente, as consequências são físicas e não raramente geram morte, muitas cometidas por grupos extremistas ou pelo braço armado do Estado.

Sendo assim a luta antirracista ganhou força na internet e nas redes sociais com a denúncia dos casos, informações e organizações de movimentos para discutir o tema.

---

<sup>5</sup> A organização política e social da juventude negra no Brasil é datada desde o pisar do primeiro negro escravizado na colônia portuguesa. Desde as grandes revoltas à formação dos quilombos, a juventude negra e o processo de reconhecimento das suas potencialidades é o caminho para entender a força do povo negro africano em diáspora brasileira.

Para exemplificar essa perspectiva tomo como referência a Coalizão Clima de Mudança, que é formada pelas organizações Plataforma Cipó, Visão Coop, Labjaca, data\_labe e Agenda Realengo 2030. Este conjunto de movimentos sociais se propõe a debater a pauta climática observando a produção de tecnologias verdes nas periferias do Rio de Janeiro, do Brasil e da América Latina, valorizando a ancestralidade, negra e periférica que devem ser consideradas nos grandes espaços de decisão sobre Clima como a COP27, que começa no Egito em 07 de novembro.

Essas organizações se reúnem através da perspectiva de que seus trabalhos impulsionam o desenvolvimento sustentável na periferia por um olhar de justiça climática! Uma percepção salutar é que não dá para falar de justiça sem falar de reparação histórica ao povo negro e periférico brasileiro.

Intensificando a troca de conhecimento, cultura, informações que somam àqueles que a acompanham a luta das juventudes, observamos a ação do Instituto Perifa Sustentável, que é formado por um grupo de jovens engajados na agenda climática. Pautados no desenvolvimento sustentável e justo para o Brasil a organização desenvolve sua práxis por meio de ações territoriais, hortas comunitárias e por meio do advocacy e da elaboração de projetos políticos transformadores nos locais de tomada de decisão.

Foi o 'Perifa Sustentável' que levou à 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP26) uma narrativa plural e acessível sobre o racismo ambiental no Brasil. O coletivo tem muitas representações, porém, é mundialmente conhecido pelas jovens embaixadoras da ONU Amanda Costa e Mahryan, e pela Cientista Social Gabriela Alves.

Já o Perifa Connection é uma plataforma de disputa de narrativa das periferias e favelas. Tem em suas fileiras nomes de jovens que fazem a diferença em seus territórios e ocupam lugares de destaque na mídia. Uma dessas sinalizações de ocupação política é a construção da coluna no jornal Folha de São Paulo, administrada por Raull Santiago, Wesley Teixeira, Salvino Oliveira, Jefferson Barbosa e Thuane Nascimento, ambos integrantes do Perifa Connection. Nesse espaço, essas juventudes vocalizam as mazelas da violência policial na favela, denunciam o racismo e as violações de direitos humanos ocorridas em seus territórios e apontam horizontes de esperanças e utopias para o bem viver do jovem favelado.

Sabemos que as juventudes querem viver em um mundo que priorize a vida das pessoas e do planeta, no qual a justiça, a igualdade e a liberdade sejam princípios inegociáveis. Foram essas inspirações juvenis que emplacaram as lutas pelas diretas já<sup>6</sup>, organizaram o movimento dos 'caras pintadas'<sup>7</sup>, lutaram pela implementação das cotas raciais<sup>8</sup> no ensino superior, que

---

6 Diretas Já foi um movimento político de cunho popular que teve como objetivo a retomada das eleições diretas ao cargo de presidente da República no Brasil

7 Os caras-pintados foi o movimento estudantil brasileiro realizado no decorrer do ano de 1992 que teve, como objetivo principal, o impeachment do presidente do Brasil na época, Fernando Collor de Mello

8 A Lei de Cotas, aprovada pelo Congresso e sancionada em 2012, garante que metade das vagas de institutos e universidades federais seja reservada para negros e ex-alunos da rede pública.

encamparam a luta contra a redução da maioria penal e que literalmente implantou o estatuto da juventude brasileira.

Por tudo isso o projeto de geração cidadã de dados, formação de juventudes, incidência em políticas públicas, combate ao racismo e a violência policial, mapeamento de enchentes, canais de denúncia de violações físicas e ambientais, são exemplos das expertises dos jovens que tendem a evidenciar à cultura cibernética como ferramenta e trazer ao público o trabalho, ações e histórias que contrariam as negativas estatísticas que colocam o jovem negro na cadeia e no cemitério.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

### Documentos

BRASIL. *Lei Nº. 12.852 de 05 de agosto de 2013*, que aprova o Estatuto da Juventude. Brasília: 2013.

INSTITUTO TIM. *Cadernos da Juventude Carioca: Agentes da Transformação*. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2013.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

### Sites eletrônicos

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/perifaconnection/> pesquisado em 20/09/22

<https://www.perifalab.org/> pesquisado em 19/09/22

<https://www.geledes.org.br/conheca-a-perifa-sustentavel-um-dos-coletivos-que-representam-vozes-negras-na-cop26/> pesquisado em 21/09/22

### Bibliografia

ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

CORREIA, V. A. (org). *Juventude no mundo contemporâneo*. São Paulo, Loyola: Magis Brasil, 2019.

DAYRELL, J. (org). *Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG*. Belo Horizonte, Mazza, 2016.

GROPPO, A. *Introdução à Sociologia da Juventude*. Editora Paco, Jundiaí- São Paulo, 2017.

QUADÉ, Papa S. F.; SANTOS, Ronaldo A. O uso das redes sociais virtuais pela camada jovem e os impactos iniciais na mudança do status quo da realidade contemporânea no Brasil. *Revista Ciência Contemporânea* - jan./jun. 2017, v. 1, n.1, p. 115-127.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs.). *Epistemologias do sul*. Coimbra, Almedina, 2009.

**QUESTÕES PARA DEBATE:**

1. A partir do artigo acima e de suas pesquisas:

- a. Como o fenômeno da globalização cibernética pode gerar participação social e criação de vínculos?
- b. Como está estruturada a identidade social no 'fazer-se jovem' da contemporaneidade virtualizada?

2. Identifique nas redes digitais os coletivos e ações das juventudes negras e periféricas e traga para nosso debate